



**Universidade Federal do Pampa
Bacharelado em Produção e Política Cultural**

**Memória e identidade do povo afro-gaúcho: Uma releitura da memória
coletiva através das obras do artista Zé Darci.**

Thiago de Godoy Nepomuceno

Jaguarão/RS
2020

Thiago de Godoy Nepomuceno

Memória e identidade do povo afro-gaúcho: Uma releitura da memória coletiva
através das obras do artista Zé Darci.

Projeto de trabalho de conclusão de curso apresentado no curso
de bacharelado em produção e política cultural com requisito
basico para a conclusão de curso.

Orientadora: Prof. Dra. Satira Machado

Jaguarão/RS
2020

THIAGO DE GODOY NEPOMUCENO

Memória e identidade do povo afro-gaúcho: Uma releitura da memória coletiva através das obras do artista Zé Darci.

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao curso de Produção e política cultural da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de graduado em produção cultural.

Área de concentração: Memória e identidade

TCC defendido e aprovada em: 09 de dezembro de 2020.

Banca examinadora:

Sátira Machado

Prof. Dra. Satira Machado
Orientadora/Unipampa

Giane Vargas Escobar

Prof. Dra. Giane Vargas Escobar
Unipampa

Alan Dultra de Melo

Prof. Alan Dultra de Melo
Unipampa

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Lanceiros Negros e tropa do imperio, frente a frente para batalha	22
FIGURA 2 – Chegada de Garibaldi e Rossete ao povoado chamado Piratini.....	23
FIGURA 3 – Acampamento farroupilha de porongos, na noite do massacre	23
FIGURA 4 – Invasão ao acampamento farroupilha pela tropa do império	25
FIGURA 5 – O grande massacre de porongos.....	25
FIGURA 6 – Joaquin Teixeira Nunes, Lanceiros Negros cercados pelas tropas do império, cantando hinos afros para ultima batalha.....	26
FIGURA 7 – Chegada de Garibaldi e seus companheiros na chegada da instancia da barra de Camaquã	27
FIGURA 8 – Transporte dos lanchões por terra para Santa Catarina	27
FIGURA 9 – Despedida de Garibaldi, Anita e filho Menoti	28
FIGURA 10 – Anita Garibaldi, batalha de Laguna	28
FIGURA 11 – Tributo ao Lanceiros negros	29
FIGURA 12 – Morte de Joaquim Teixeira Nunes, nas margens do arroio chasqueiro	29
FIGURA 13 – Enterro de Teixeira Nunes, cemitério de arroio grande.....	30
FIGURA 14 – Pai Silverio.....	31
FIGURA 15 – Contrato de utilização de imagem.....	32
Figura 16 – Exposição do aniversário de Arroio Grande	32
Figura 17 – Exposição no acampamento Farroupilha	32
Figura 18 – Reconhecimento das obras de Zé Darci para a cidade de arroio grande	33

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. MEMÓRIA E IDENTIDADE, RESISTÊNCIA AO ESQUECIMENTO	09
3. UM MODELO DE INTEPRETAÇÃO DA MEMORIA	13
4. RESULTADOS	15
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
6. BIBLIOGRAFIA	21
7. FIGURAS	22
8. APÊNDICE	33

RESUMO

O presente estudo tem como perspectiva explorar a memória coletiva e identidade cultural do povo afro gaúcho, através das obras do artista Zé Darci, sendo assim, a pesquisa tem a finalidade de interpretar as obras, explorando os conceitos de trauma coletivo e esquecimento da memória. É importante ressaltar que Zé Darci é um homem negro, que está inserido dentro de uma identidade, observar as suas referências é relevante, para entender seus interesses e como ele busca por informações de sua identidade cultural. Todos esses itens são importantes para poder alcançar o objetivo geral da pesquisa, abordar de maneira interdisciplinar, a memória, principalmente as nuances que se refere a pesquisa, encontrando maneiras que concilie com a identidade cultural, entendendo que a identidade também é um conceito compartilhado, ou seja, um coletivo dentro de uma sociedade partilha de ambos conceitos, memória e identidade simultaneamente, então a pesquisa vai explorar essas questões com base em seus objetivos.

Palavras chaves: Memória Coletiva, Identidade Cultural, Esquecimento, Obra de Arte.

RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo explorar la memoria colectiva y la identidad cultural del pueblo afro-gaúcho, a través de las obras del artista Zé Darci, por lo que la investigación tiene como objetivo interpretar las obras, explorando los conceptos de trauma colectivo y olvido de la memoria. Es importante destacar que Zé Darci es un hombre negro, que se inserta dentro de una identidad, observar sus referencias es relevante, para entender sus intereses y cómo busca información sobre su identidad cultural. Todos estos ítems son importantes para poder alcanzar el objetivo general de la investigación, para abordar, de manera interdisciplinaria, la memoria, principalmente los matices a los que se refiere la investigación, encontrando caminos que concilien con la identidad cultural, entendiendo que la identidad es también un concepto compartido, es decir, un colectivo dentro de una sociedad comparte simultáneamente ambos conceptos, memoria e identidad, por lo que la investigación explorará estos temas en función de sus objetivos.

Palabras clave: Memoria Colectiva, Identidad Cultural, Olvido, Obra de Arte.

1. INTRODUÇÃO

A memória é uma das ferramentas para trazer voz aos esquecidos, elucidar o invisível, explorar momentos afetivos e trágicos. Existem diversas formas de analisar o passado: observando os patrimônios construídos a partir das narrativas de quem possuía os poderes simbólicos ou silenciando culturas que não refletiam os valores vigentes. Porém, a memória não se manifesta somente no material, se manifesta na oralidade, na ancestralidade presentificada através de gerações sucessivas.

O artista plástico Zé Darci, residente de Arroio Grande, onde se descobriu enquanto artista, mas se radicou em Pelotas. Nesta cidade, junto a outros artista, fundou o movimento Quilombos Urbanos – grupo de artistas plásticos negros, cujas obras buscam evidenciar a existência e resistência do povo negro. Zé Darci, Segundo o jornal digital RS Novas Façanhas, foi premiado por seus trabalhos ‘*Fome Zero*’ e ‘*Fome 2*’, Zé Darci já participou de mais de 70 exposições, entre individuais e coletivas, por todo o Rio Grande do Sul. Em 2009 participou do XIV Circuito Internacional de Arte Brasileira, expondo no Museu Pablo Neruda – Isla Negra / Santiago – Chile e no Museu de Arte da Pampulha – Belo Horizonte /MG. E no mesmo ano, obteve premiação no I Salão de Artes Plásticas de Arroio Grande. Em 2010, o trabalho ‘*Brasil na África do Sul*’ participou do XV Circuito Internacional de Arte Brasileira, percorrendo mostras na Alemanha, República Tcheca e São Paulo. Participou de inúmeros eventos abordando as temáticas Afro-gaúchas. Em 2016, Zé Darci realizou uma exposição altamente simbólica no Memorial do Rio Grande do Sul e Museu dos Direitos Humanos do Mercosul, batizada de ‘*Memória e Identidade: Uma visão africanista*’. O artista utiliza suas obras como ferramenta de interpretação da memória coletiva, adquirida por meio da sua história de vida familiar, e de sua militância em movimentos negros.

Uma das obras que representa essencialmente o projeto, resgata os traumas do povo afro-gaúcho; são as obras da Revolução Farroupilha, em que procura evidenciar os verdadeiros heróis daquele momento histórico, porém, pouco citado nas comemorações e feriados. Segundo Zé Darci, seria até uma literatura difícil de encontrar. A obra trata do massacre de Porongos, a dizimação dos lanceiros negros, que foi um desastre “programado”, concebido por Davi Canabarro, com a aprovação de Duque de Caxia: tomaram a pólvora dos lanceiros negros, deixaram-nos num acampamento à parte dos farroupilhas, e abandonados à própria sorte, na luta contra o império. O

objetivo era exterminar o maior número de homens negros, porque o Estado não poderia lhes dar a falsa liberdade que prometeram, por medo de uma próxima guerra. Zé Darci se apropria desse tema a partir de leituras e debates com intelectuais negros, indicando-nos a leitura de obras do escritor gaúcho Tabajara Ruas.

Este projeto visa resgatar a memória afro-gaúcha por intermédio das obras do artista e investigar o processo de criação a partir das narrativas empregadas por ele, que serão fixadas em entrevistas. Estabelecer que a memória coletiva tem seu caráter subjetivo de se apresentar enquanto passado, podendo deixar rastros de diversos modos. A proposta exposta neste projeto tem como objetivo investigar esses rastros deixados pela memória coletiva por via da arte e oralidade.

A cultura tem um papel muito relevante, trabalhar os conceitos epistemológicos variantes desta palavra é fundamental para a ciência humana em si. É pertinente salientar que a memória não está apenas respaldada na área da história, arqueologia e paleontologia. De fato, está presente nas teorias da cultura. Exemplo: Identidade cultural e transculturalidade. Especificamente, a pesquisa pretende resgatar a memória coletiva mediante as obras de arte e os diálogos mantidos com o artista. Tendo como finalidade evidenciar onde, quando e como o entrevistado obteve esses dados para o seu processo criativo. Será desenvolvido um modelo de análise que estabelecerá onde essas narrativas se encaixam depois dos dados levantados.

A memória é um patrimônio cultural da humanidade, ela deve ser reforçada e estudada de forma mais profunda por meio dos vários espectros. A memória ganha ainda mais importância quando resgatamos histórias que foram apagadas ou não mencionadas num determinado período histórico. Em 2011 cria-se a **LEI Nº 12.528**, instituindo a Comissão da Verdade, a fim de estabelecer o direito à memória, à verdade e o respeito aos direitos humanos, ainda que tardio, mesmo que a ditadura militar já tenha torturado, matado, sequestrado e desaparecido com suas vítimas. Esse decreto veio, de maneira terapêutica, sanar um trauma coletivo de uma nação, trazendo a essa parte obscura de nossa história para a consciência dos cidadãos. Seja dos que passaram pela tortura ou prisões políticas, dos amigos, de familiares dos desaparecidos e, também, dos próprios militares que cometeram crimes. Esse processo é um exemplo do porquê é importante reviver a memória para evidenciar e refletir sobre os traumas coletivos e seus respectivos reflexos dentro da sociedade. A relevância das obras do Zé Darci é reconhecida por categorias artísticas, instituições municipais. Em 2016, Zé Darci expôs suas obras no Memorial do Rio Grande do Sul

e Museu dos Direitos Humanos do Mercosul apresentando a exposição *Memória e Identidade: Uma visão africanista*, a curadoria da exposição feita por Gilberto Elias, que consegue captar a memória e a identidade do povo negro nas obras de Zé Darci.

A pesquisa pretende investigar como a memória coletiva pode ser expressa por meio da obra de arte, abordar de forma multidisciplinar a leitura das obras, a partir da concepção de arte, até a questão epistemológica do conceito de identidade e memória, bem como trabalhar a questão do trauma coletivo. Mas, principalmente, se debruçar sobre uma interpretação da obra do artista Zé Darci e pesquisar as referências históricas que informam sua jornada, partindo da premissa de que a memória coletiva pode ser observada pela arte.

- Interpretar o contexto histórico, fazendo um levantamento das obras de arte e dos conhecimentos empíricos e teóricos do artista Zé Darci.
- Abordar a memória e seus traumas coletivos para entender a importância das obras de arte.
- Analisar os dados obtidos, criar um modelo de análise que evidencie os conceitos de memória coletiva e identidade cultural.

2. Memória e identidade, resistência ao esquecimento.

A memória coletiva é um elemento intrínseco ao ser humano quando se trata de sociedade. Em todas as civilizações sempre houve seus mitos, religiões e tradições que foram transmitidos oralmente. Em si o indivíduo traz consigo em suas memórias edifícios arquitetônicos dos lugares que viveu e visitou, monumentos, paisagens urbanas ou rurais, expressões visuais que marcam a concepção de patrimônio arquitetônico, e elas se fixam no imaginário. Mas a memória de patrimônios materiais sempre vai permear o imaginário coletivo, seja este representado por épocas ou até por “releituras” no presente, constituindo a memória coletiva. Porém, pensar a memória coletiva a partir do patrimônio arquitetônico seria delimitar um fragmento de um conceito muito mais vasto, que abrange as tradições, religiões, mitos, narrativas que foram contadas e recontadas por gerações, oralmente ou por escrito. Assim, uma coletividade está imersa num conjunto de práticas, às vezes, de forma inconsciente. Um exemplo simples seria o banho diário que os brasileiros apreciam no seu dia a dia, costume assimilado dos povos indígenas, e não do colonizador

européu. Do mesmo modo, a religião católica foi um legado da cultura portuguesa, que permanece relevante e é continuamente ressaltado em livros didáticos, ao longo de todo o nosso aprendizado.

Entre eles incluem-se evidentemente os monumentos, esses lugares da memória analisados por Pierre Nora,² o patrimônio arquitetônico e seu estilo, que nos acompanham por toda a nossa vida, as paisagens, as datas e personagens históricas de cuja importância somos incessantemente lembrados, as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e a música, e, por que não, as tradições culinárias. (POLLAK, p.3, 1989)

A memória coletiva tem a função de trazer uma consciência de pertencimento a um grupo, ela se realiza através de interações que se estendem por gerações, trazendo o repositório de um patrimônio imaterial que as coletividades carregaram em suas mentes, preservando um elo entre o presente e passado, por meio de processos culturais, políticos e sociais. Tais conceitos são intrínsecos à memória coletiva. Neste sentido, ao considerarmos a memória como um ato político, nos deparamos com questões permanentes no que se refere ao esquecimento, pois o ato de querer apagar ou encobrir fatos históricos também faz parte de um processo político. Essa prática do “apagamento” é muito frequente em nossa história, desde os primórdios da escravidão, quando os negros eram proibidos de cultuar seus deuses e sendo forçados a praticar o catolicismo, uma construção ideológica, passando por Gilberto Freyre e pelo governo Vargas, que apregoa uma democracia racial, e nega que exista racismo ou desigualdade racial no Brasil. Este processo histórico é uma forma intencional de apagamento da memória coletiva de uma etnia.

Essa rejeição ao esquecimento não surpreende: de fato ele é o contraponto do conto de Jorge Luis Borges sobre o “mnemopata” *Funes, el memorioso* que sofre da impossibilidade de esquecer e em razão disso não consegue viver, o que se opõe de maneira frontal ao elogio do esquecimento proclamado por Nietzsche como marca dos fortes, que vivem em plenitude e se inscreve contra a observação de Renan dizendo, em seu célebre discurso proferido na Sorbonne, que o que funda uma nação não são apenas as lembranças compartilhadas mas também os esquecimentos compartilhados. (FRANÇOIS, p.18, 2010)

A única forma que a memória coletiva da população afro encontrou para sobreviver foi através da oralidade, preservando cultos, tradições, línguas, num esforço coletivo para impedir o apagamento de suas lutas históricas. Assim, a oralidade é o foco deste projeto, porque ela foi base de um processo de construção das manifestações discursivas, moldando a humanidade em seus

aspectos culturais durante milênios; a narrativa oral transforma o humano em um ser social e atemporal, sendo, portanto, uma mediação simbólica da construção da realidade. Mesmo a oralidade sendo tão importante para a construção da civilização, setores da sociedade fugirão dela quando começamos a trabalhar a linguagem escrita como principal ferramenta para preservar as memórias, mas nem todas as culturas tiveram o privilégio de resguardar seus conhecimentos através da linguagem escrita, e só a pura oralidade foi o meio de salvar seus mitos ancestrais.

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial", no caso a memória nacional. (POLLAK, p.4, 1989)

Mas o passado, as lembranças, a memória em si, é algo que não nos prende apenas ao passado, esse legado influi no presente, tem seu espaço no imaginário coletivo, e só pode ser reprimido a partir de patologias psicológicas, intelectuais, morais etc. Porém, mesmo que essa memória se apague silenciosamente, deixará rastros no tempo, algum indício que possa trazer reflexões sobre o passado. A lembrança é algo intrínseco do ser humano, pedir para não lembrar, seria como pedir para não sentir um cheiro, que sempre surpreenderá os nossos sentidos. Mas qual a relação entre o passado e o presente? As lembranças que trazem do passado todo seu significado, só podem ser reconhecidas no presente, ou seja, o passado se faz presente a todo instante, em diferentes momentos do presente temos que olhar para o passado, para ter noção da situação que estamos vivenciando. Por isso, podemos dizer que o conceito de memória é atemporal, estamos sempre recordando/revivendo/refletindo, para interpretar novos cenários.

Todo tipo de memória ou patrimônio é resultado da busca por identidade, seja ela nacional, de um grupo político ou grupo étnico; perceber a identidade nas nuances da memória é importante para saber qual tipo de memória estamos buscando e para quais fins, devido a memória ser uma ferramenta para reafirmar e manter viva uma identidade cultural. A memória não agrega apenas lembranças individuais, engloba, também, lembranças de outros, compondo uma comunidade que revê e reafirma sua busca por identidade.

Por mais que a memória seja utilizada de forma estratégica para conservar uma identidade, sendo ela conseqüentemente não pura, com invenções ou assimilações e esquecimentos, ela se constituiu como uma reconstrução da memória coletiva: seu papel é resgatar o passado e dar voz à comunidade,, fortalecendo uma identidade que passou por processos de esquecimento, rupturas e

violências simbólicas. Talvez seja este o trabalho fundamental da memória, criar significado para as identidades vigentes e seus valores simbólicos.

No entanto, essa transmissão jamais será pura ou uma autêntica transfusão memorial, ela não é assimilada como um legado de significados nem como a conservação de uma herança, pois, para ser útil às estratégias identitárias, ela deve atuar no complexo jogo da reprodução e da invenção, da restituição e da reconstrução, da fidelidade e da traição, da lembrança e do esquecimento. A transmissão está, por consequência, no centro de qualquer abordagem antropológica da memória. Sem ela, a que poderia então servir a memória? (CANDAUI, 2014, p. 106)

Trabalhar os conceitos de memória e identidade aumenta o teor de complexidade, porém, abre espaço para buscar interpretações que contribuem para o universo acadêmico e refletir a identidade cultural, já que abre margem para estudos interdisciplinares, porque as trocas culturais através de sujeitos, experiências que transpassam a barreira cultural desenvolvida no seu local de pertencimento, são conceituadas como Interculturalidade — expressando a identidade como narrativa. Importante destacar que os estudos culturais aprofundam suas ideias sobre a metodologia pela qual se dá a relação cultural e seus impactos, sendo pela interculturalidade que se articulam as sociedades e se dão as mudanças nas identidades e relações sociais contemporâneas. As ações simbólicas que são atribuídas a uma sociedade através de discursos tornam-se fundamentais para a composição de uma identidade, a partir do momento em que há reprodução dos discursos, sejam eles culturais ou históricos. HALL (2006) afirma que não há “identidade unificada”, caso exista tal sentimento, é porque reproduzimos histórias sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”

Autores que trabalham com a memória sempre esbarram na identidade cultural, às vezes chamada de *identidade de grupo*, segundo PERALTA (2007), que faz uma análise do autor Halbwachs, citando que a memória coletiva é uma *locus* de ancoragem da identidade de grupo, assegurando a continuidade do espaço e tempo. Mas ressalta que o autor não aborda os processos sociais, deixando aparente a memória como algo coerente e estável, porém, assinalando que o que foi deixado de lado seria o processo dialógico, negocial, conflitual e intertextual. Como já ficou dito neste artigo, as questões de poderes e processo de esquecimento por parte do Estado e das instituições sociais.

Estos procesos van acompañados de una creciente producción testimonial y académica, que a la vez que amplía el conocimiento sobre el pasado propone una reflexión sobre el ejercicio mismo de la memoria. Así, por ejemplo, el énfasis en la oposición “memoria” frente a “olvido” que predominó en los países del cono sur durante los primeros años de democracia dio lugar, ante la proliferación de actores y versiones que se suman al debate, a discursos que asumen en cambio la existencia de memorias plurales, cada una de las cuales contiene alguna forma de “olvido”, y que disputan entre sí por el relato hegemónico del pasado. (SCHINDEL, p.66, 2009)

A correlação feita na justificativa, com a ditadura militar sobre a lei da Comissão da Verdade, cabe aqui novamente, quando a autora fala sobre um momento traumático do passado do nosso país e que no processo, no qual existem diversos conflitos sobre as versões de memória e seus atores, mostra como a memória tem esse caráter complexo, e que deve passar por inúmeras produções testemunhais e acadêmicas, para conseguir capturar por diversos olhares o mesmo passado traumático. A identidade cultural não foge deste âmbito, porque ela vai estar presente em todos os processos, sejam eles voltados a determinada identidade, ou não.

3. Um modelo de interpretação da memória.

A elaboração da narrativa da memória coletiva é o principal ponto que a pesquisa se predispõe a observar: criar etapas e métodos de encontrar esses pontos narrativos da memória é crucial para o desenvolvimento da pesquisa. Utilizar do método qualitativo para explorar em profundidade a partir de uma pesquisa de campo e entender a totalidade dos objetivos elencados previamente. Neste projeto vamos buscar o conhecimento empírico de um artista que, dentro de sua trajetória, se construiu a partir de sua espontaneidade, por isso cabe levantar outros elementos que tenham contribuído para a construção de sua identidade. A todo, definimos seis etapas para a elaboração do projeto completo.

As sete etapas compõe-se dos seguintes elementos: a formulação da questão inicial; exploração da questão inicial (por leitura e de coleta de dados exploratória); a elaboração da problemática; a construção de um modelo de análise; a coleta de dados; as diferentes etapas estão em inteiração constante, ou seja, a cada etapa devemos reportarmos às etapas anteriores, a fim de mantermos coerência e lógica ao longo da pesquisa. Vejamos, então, cada uma dessas etapas separadamente e que relações elas mantem com etapas anteriores ao longo da elaboração da pesquisa. (GERHARDT, SILVEIRA. p49, 2009)

A primeira etapa é investigar a questão inicial da pesquisa, fazendo um levantamento do acervo do José Darci, para determinar quais obras e onde estão suas referências do passado com base na história afro-gaúcha. Na segunda etapa, a exploração de coleta de dados físicos é fundamental para basear e legitimar a pesquisa: serão requisitados documentos de comprovação de suas atividades em eventos artísticos e culturais, para avaliar — a partir de registros certificados —, a influência de sua obra dentro de determinados espaços. Numa terceira etapa, deve-se pensar a problemática da pesquisa, para abarcar toda a narrativa de suas obras e do próprio José Darci enquanto sujeito que carrega uma identidade coletiva, conseqüentemente; memórias coletivas de trajetórias históricas e invisibilizadas: neste terceiro momento devemos explorar através de entrevistas sua trajetória de vida, enquanto sujeito social, e como essa história pessoal influenciou suas obras.

Abordar as obras como reflexos de sua vida é de extrema importância, para além da memória coletiva, ponderando a memória afetiva que envolve seus temas. Na quarta etapa será construído um modelo de análise, investigando quais métodos utilizar para separar determinadas narrativas: as pessoais, as de identidade, memória afetiva e coletivo. Determinar o modelo de análise é de suma importância para a dinâmica da pesquisa, com a responsabilidade de não misturar informações e classificar os conceitos utilizados nas narrativas corretas.

Na quinta etapa, processo final, utilizaremos os dados coletados, aplicando a partir do modelo de análise estabelecido anteriormente e, assim, criando distinções de narrativas, para, futuramente, podermos apontar conceitos derivados de determinados dados, a fim de chegarmos às conclusões corretas. Na sexta etapa, processo de conclusão, avaliaremos todo o processo, a pesquisa de campo, os objetivos e referenciais teóricos, indicando as expectativas criadas e as supridas, tendo em vista que todo esse processo será uma interpretação dos dados obtidos e da bibliografia utilizada.

No referencial bibliográfico utilizado na metodologia, estruturada em 7 etapas, utilizamos 6 destas etapas para construir um método que sustentaria melhor o nosso tema, objeto de estudo e objetivos. Considerando esse estágio, percebemos que a utilização de métodos cartesianos para auxiliar numa pesquisa na área de memória é de grande valia, em face das questões interpretativas e subjetivas do tema e área; assim, a metodologia proposta neste artigo busca demonstrar de forma separada cada etapa da pesquisa de campo, auxiliando a distinguir área de estudo e outras nuances epistemológicas, bem como criando didática na construção e leitura dos dados obtidos.

4. RESULTADOS

Minha pesquisa focou numa sequencia de obras do Zé Darci que retratava um período da história sul riograndense, a revolução farroupilha. Mas atentou-se a expressar momentos pertinentes que envolvesse sua identidade nessas obras de arte. Para caminhar meu resultado de maneira mais linear e didática, utilizei o passo a passo da metodologia para guiar a pesquisa e todos os resultados a seguir.

A primeira etapa era investigar a questão inicial da pesquisa, fazendo um levantamento do acervo do José Darci, para determinar quais obras e onde estão suas referências do passado com base na história afro-gaúcha. Neste momento foi levantado o histórico de obras de arte do seu Zé Darci, dentre eles tinham pinturas sobre religiosidades, tanto de matriz africana, quanto de católico, pinturas que representavam negros do campo e da periferia, retratos de pessoas que marcaram sua trajetória e também, de pessoas que ele conheceu só nas historias que ouvia por aí, como por exemplo do negrinho do pastoreio. Mas tinha uma sequencia de obras que seguia uma cronologia, mas ao perguntar suas referências, foi constatado que eram baseadas não apenas na troca oral, mas também por leituras, para detalhar seriam duas, uma delas e onde começaria seu interesse por determinado tema, seria a casa das sete mulheres, onde conheceu Anita Garibaldi, sua vinda do Rio de Janeiro a Rio Grande e suas estratégias para auxiliar os lanceiros negros. Depois utiliza Tabajara Ruas para saber como e o que aconteceu com os lanceiros negros, chegando até o massacre de Porongos. Mas recentemente, ele deu continuidade nessa sequencia de obras que ao todo foram 13 obras, quando em Arroio Grande o patrimônio histórico-cultural traz uma pesquisa evidenciando que um dos lanceiros negros, Joaquim Teixeira Nunes, teria ido para Arroio Grande. Essas 13 obras estão nos anexos, no final do projeto e abaixo deixo uma transcrição das partes mais importantes da conversa e que referencia a primeira etapa da metodologia.

“Esse trabalho começou no ano de 2006 fui convidado para fazer uma exposição em Porto Alegre e o tema da Semana Farroupilha de 2006, se chamava os feitos de Garibaldi que mostravam feitos de Garibaldi E Anita Garibaldi, não entrava ainda os feitos dos lanceiros negros, através do livro da Casa das Sete Mulheres, eu retratei cinco trabalhos mostrando uma fase da Revolução Farroupilha que eu mostrava, a chegada de Garibaldi e vinham do porto do Rio Janeiro e

desceram no porto de rio grande, se deslocaram para Piratini com a ideia de juntar homens para levar para Estância da Barra Camaquã para construção dos lanchões. O segundo quadro já mostro Garibaldi e seus companheiros saindo de Piratini chegando da Barra Camaquã para construção dos lanchões que seria levado para Santa Catarina para batalha de Lagoa. O terceiro eu mostro uma imagem de uma mulher no barco a remo, segundo o que eu li no livro A Casa das Sete Mulheres, ela ia e vinha, levava munições e trazia heróis farroupilha feridos.

Faltou um quadro aí e tem Transporte de Lanchões por Terra para Laguna antes dessa fase aí, que eu achei esse uma dificuldade, imagina puxar através de carretas de boi esses barcos que seja levar para Santa Catarina, ele tá antes da imagem da Anitta e aí no último quadro, depois da Batalha de Laguna, eu pinto a despedida de Garibaldi, Anita e o filho menor de quando saiu da Revolução Farroupilha se deslocaram para o Uruguai, porque que eu cito Garibaldi e Anita Garibaldi nesse meu trabalho de 13 obras. Faltam os trabalhos sobre os lanceiros negros e pra mim era uma grande dificuldade, porque na época era muito difícil arrumar livros que falasse sobre esse assunto. Aqui em Arroio Grande eu encontrei através de um amigo meu, um colecionador de livros, um trabalho de Tabajara Ruas: Última Carga Massacre dos Porongos – Lanceiros Negros. Um livro muito raro, uma coleção até da própria Ipiranga, que ele falava então dessa questão dos massacres dos lanceiros negros, então vou te contar agora o que houve sobre o massacre de porongos de lanceiros negros tudo acontecido em Pinheiro Machado no Cerro de Porongos, no que eu entendi e, no que eu li o massacre foi programado, foi desenvolvido juntamente com Davi Canabarro, comandante Farroupilha, com a aprovação do Duque de Caxias, patrono do exército brasileiro, pelo que eu li eles prepararam esse massacre dias a dias, inclusive todas as partes de ferro, dos arreios, os pelegos eles cobriram pra não ter brilho e cercaram o acampamento durante vários dias para fazer o massacre e mandaram tirar as munições dos soldados Farroupilhas e o que eu li também no livro de Tabajara Ruas eles não tavam no mesmo acampamento que os soldados Farroupilha, eles estavam no acampamento ao lado.

O primeiro trabalho sobre os lanceiros negros se chama acampamento Farroupilha, eu mostro acampamento Farroupilha na maior calma na noite da invasão, só que tem um detalhe insignificante. Eu botei um sentinela sentado vigiando, mas na vegetação na obra, vem algum soldado do império para degolar esse sentinela. Na segunda obra se chama invasão ao acampamento Farroupilha, eu já mostro o império invadindo o acampamento Farroupilha um soldado Farroupilha sem munição os que puderam fugiram e deixaram tudo ao Deus dará, e os

lanceiros negros, que estavam no acampamento ao lado, entram para ajudar os soldados Farroupilha, só que os lanceiros negros caíram numa armadilha, porque na realidade ficaram só eles e o seu Comandante Teixeira Nunes para enfrentar o Império. Na terceira imagem desse trabalho, eu mostro Teixeira Nunes juntamente com os lanceiros negros cercados, cantando hino afros se preparando para última batalha, os lanceiros negros, no que eu li no livro de Tabajara Ruas batiam a sua lança no peito e o pé no chão levantando um poeirão e o comandante Joaquim Teixeira Nunes, o gavião, fazia o mesmo batia com sua espada no peito e o pé no chão, eles estão totalmente incorporados pronto para última batalha deles, inclusive esse trabalho dessa imagem na UFRGS usou alguns anos atrás para um professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a imagem se chama lanceiros negros e Joaquim Teixeira totalmente incorporado cercado pelas tropas do Império a quarta obra eu já mostro então assim atrás do que eu li lanceiros negros Império frente à frente pronto para a batalha e, uma das coisas que eu li num livro quis dizer a condição Duque de Caxias nessa carta manda poupar a maior quantidade de homens, brancos a maior quantidade de Boticário e quero os médicos da época e terminar a a maior quantidade de homens negros, porque para eles e o seguinte a revolução tava no fim não teria como dar a liberdade, a falsa liberdade prometida. Então seria outra guerra terminando aquela guerra, porque por outras informações do Rio Grande do Sul poderão se tornar um país um outro país, se continuasse guerra, então segundo muitos historiadores, índios, mulheres, crianças e a maior quantidade de negros foram mortos, tão grande massacre de Porongos, morreram uma quantidade enorme de homens negros armados totalmente só com lanças, né contra o império totalmente armado.” (Zé Darci, 2020)

Na segunda etapa, a exploração de coleta de dados físicos foi fundamental para basear e legitimar a pesquisa: foi requisitado fotos de documentos de comprovação de suas atividades em eventos artísticos e culturais, — a partir de registros certificados —, a influência de sua obra dentro de determinados espaços. Uma das formas de preservar a memória é coletando indicativos da trajetória do personagem principal, por isso cabe nesta pesquisa recolher essas formas de memória material para contar sobre a trajetória da sua pessoa e da sua arte. As estarão em anexo no final da pesquisa.

Numa terceira etapa, foi pensado a problemática da pesquisa, para abarcar toda a narrativa de suas obras e do próprio José Darci enquanto sujeito que carrega uma identidade coletiva, foi

questionado, qual era a relação dele com suas obras de arte e como elas estão envolvidas com sua identidade. Nesse momento ele fala sobre sua trajetória de mais de 20 anos como artista plástico, que era algo que ele gostava desde jovem, mas nunca teve oportunidades, mas quando estava trabalhando como servidor público, conheceu um movimento de artistas plásticos negros, se identificou e começou a fazer um curso de artes plásticas em Pelotas. Esta foi uma das coisas que integram sua identidade, sua resistência dentro de suas obras e a importância de resgatar as memórias afro gaúchas. Num outro momento, ele falava de uma obra de arte que não se encaixou nessa pesquisa, mas que seria de um retrato que ele fez de um pai de santo, esse foi pedido por uma mãe de santo, onde ela dizia que “enquanto tiver aquele quadro de arte viverá” e assim, ele continua até hoje produzindo e vivendo da sua arte. Esta obra esta é a figura 14 e está no final do projeto.

Na quarta etapa foi construído um modelo de análise, investigando quais métodos utilizar para separar determinadas narrativas: os pessoais, as de identidade, memória afetiva e coletivo. Então conforme eu criava uma pergunta, já separava a resposta para determinado setor epistemológico, com isso pude observar quais narrativas eu poderia enquadrar nos resultados da pesquisa, sendo na primeira etapa a questão inicial do projeto, que focava nas obras e nas referências utilizadas por Zé Darci. Na terceira etapa, foquei em procurar como a identidade cultural se passava no seu imaginário, onde cito suas experiências com movimentos negros e religiosidades de matriz africana. Esse método de análise foi importante para eu me organizar no processo da formulação da pesquisa, sendo que na próxima etapa, eu teria que ver essas diferentes narrativas, os dados coletados e interpretar a partir dos objetivos da pesquisa.

Na quinta etapa, processo final, utilizei os dados coletados, aplicando a partir do modelo de análise estabelecido anteriormente e, assim, criando distinções de narrativas para, futuramente, podermos apontar conceitos derivados de determinados dados, a fim de chegarmos às conclusões corretas. Nesse momento chego a uma conclusão, por mais que essa conclusão não reflita em todas as obras ou narrativa oral do artista, mas dentro das obras da revolução farroupilha, não existiu apenas uma memória coletiva, passada por tradições orais e buscas através de ancestrais, mas sim de livros, um deles sendo literatura romântica que seria a casa das sete mulheres, outro seria a partir da pesquisa de Tabajara Ruas, que fala sobre a história dos lanceiros negros. Neste momento foi quando se rompeu parte da minha hipótese, mas não toda, a princípio, minha teoria era que ele tivesse obtido informações através da troca oral, mas ele procurou saber mais sobre a memória do

seu povo, partiu de algum lugar, pode ter sido despertado pelo por movimentos ou por descrença da narrativa que ele sempre consumiu da cultura gaúcha, que foi algo virtuoso e que o povo gaúcho deveria se encher de orgulho. Mas o processo de identidade cultural esteve presente desde o primeiro momento, que foi a troca de informação sobre seu passado, faz presente a delimitação de suas obras e narrativas sobre a importância de determinado tema e as pessoas que partilham da mesma identidade, faz trocas de experiências com ele, possibilitando que ele continue fazendo seu trabalho que resulta no processo de contrapor o esquecimento da memória do seu povo, mesmo ele procurando referências formais, existe algo além do interesse acadêmico, existe uma resistência identitária, que ele entende que não faz apenas por ele, mas sim por um movimento que tem uma causa e recebe apoio espiritual de uma mãe de santo, que obtém um poder simbólico recebido por diversas gerações que praticavam determinada religiosidade e manteve a memória coletiva desta religião através da oralidade e das práticas. Mas para finalizar e deixar uma argumentação mais concreta dos resultados extraídos, podemos dizer que a oralidade não foi o único meio utilizados para obter uma memória, mas toda a rede identitária que possui elementos na memória oral, auxiliou na intensificação da sua identidade cultural, fazendo ele buscar essa memória coletiva que seu povo carrega por outras fontes também.

Na sexta etapa, será o processo de conclusão, a pesquisa de campo, os objetivos e referenciais teóricos, indicando as expectativas criadas e as supridas, tendo em vista que todo esse processo será uma interpretação dos dados obtidos e da bibliografia utilizada. Enfim, a pesquisa de campo, não foi como eu esperava, gostaria de estar presente para fazer um melhor intermédio nas perguntas e na conversa em geral, mas acabou se resultando de forma remota devido ao corona vírus, mais detalhadamente por áudio do whatsapp, devido diversas problemáticas de fatores tecnológicos. Mas as perguntas que eu tinha elaborado foram respondidas de forma bem natural por parte do entrevistado. O segundo ponto, é detalhar como os objetivos foram alcançados, no quesito de interpretar o contexto histórico, fazendo um levantamento das obras de arte, dos conhecimentos teóricos e empíricos do artista Zé Darci, utilizei do mapeamento de obras, para identificar quais delas eu iria criar uma narrativa em cima de um contexto histórico, foi então que eu escolhi a sequência de obras que abrangem a revolução farroupilha. O segundo ponto que era evidenciar os conhecimentos teóricos e empíricos, foi realizado com sucesso, não obtive uma resposta tão concreta sobre os conhecimentos empíricos, mas consegui ver que um dos saberes que

permeiam seu conhecimento é a partir da militância e autoridades religiosas de matriz africana. Na parte teórica, ele traz a referência de Tabajara Ruas, escritor e cineasta do Rio Grande do Sul.

Outra via dos objetivos era abordar a memória e seus traumas coletivos para entender a importância das obras de arte, outro ponto bem sucedido dentro dos segmentos de obras de arte escolhidas, sendo que o massacre de Porongos vem de frente a isso, a suscitar todo um trauma coletivo, que o povo afro gaúcho teve que arcar, enquanto via o esquecimento deste momento trágico da história, isso segue até os dias de hoje, nos momentos festivos, que comemoram a revolução farroupilha, sendo que teve um preço muito alto para uma parcela da sociedade, mas que não é evidenciado. A pesquisa por si só, poderia resultar e delimitar neste aspecto, das obras do senhor Zé Darci, ele é a causa e circunstância deste projeto, mas ficará para uma outra pesquisa, que obtenha uma delimitação mais focada, na obra em específico, devido este projeto passar por um momento de investigação de suas obras, não se soube ao certo o que escolher, até fazer o mapeamento e curadoria completa. Mas se um ponto de vista foi mais que o suficiente, para demonstrar como a memória coletiva, o trauma coletivo e a identidade cultural andam juntos, essa obra descreve de maneira sólida tudo isso.

Para finalizar, os resultados desta pesquisa venho demonstrar a importância de algumas referências teóricas para a elaboração do mesmo, algumas delas fundamentais para elaboração da busca por um tema. A primeira referência foi a Sarlo (2007) Tempo passado: Cultura da memória e guinada subjetivo, onde faz uma análise das obras de Walter Benjamin, sobre a memória e a história, que auxiliou no debate sobre o conceito de memória, mas a parte mais importante desta obra, foi a questão dos traumas coletivos, que incorpora a premissa do meu objetivo, utilizar a memória para evidenciar traumas coletivos a partir das memórias coletivas representadas nas obras de arte, conseqüentemente outras obras que abarcaram essa temática do esquecimento, que foi POLLAK (1989) Memória, Esquecimento, Silêncio e FRANÇOIS (2010) As novas relações entre memória e História após a queda do Muro de Berlim. Ter essas referências me auxiliou na curadoria de obras do Zé Darci e da importância sobre reafirmar a memória e a identidade, não deixa-la cair no esquecimento, porque essas ações não são naturais, são políticas e simbólicas, para determinados poderes de uma sociedade, deixar que isso aconteça, seria permitir a continuação de violências simbólicas que a memória do nosso povo sofreu e sofre até hoje, como Sarlo (2007) aborda, a memória não é apenas um resultado do passado, mas principalmente do presente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória, independente do aspecto, individual ou afetiva, sempre será coletiva, por ser algo que se encontra na subjetividade do sujeito, ela vai colher frutos do passado e presente, vai procurar recursos na sua identidade cultural e nos poderes simbólicos que o permeie, nesse sentido, cabe dizer que essa pesquisa vem reconhecer a importância da memória coletiva para expor os traumas coletivos, mas também, para demonstrar como a memória coletiva esta a todo momento se entrelaçando em nossas referências, sejam elas acadêmicas, ou orais, de maneira formal ou informal. Porém, o mais importante nesse trabalho, foi evidenciar, dar voz a um artista negro, onde luta todos os dias para trazer arte, que retrata seu povo, sua trajetória não pode ser esquecida e a pesquisa vem falar sobre esse ponto também, o esquecimento da cultura negra, Zé Darci não esqueceu e contribuiu para que o próximo não esquecesse, sendo assim, a pesquisa vem fazer o mesmo papel, ressaltar a importância de ter alguém expressando uma cultura tão violentada, mas resistente, que sobreviveu até os dias de hoje para que eu enquanto pesquisador e o Zé Darci, enquanto artista pudessem estar aqui, legitimando através de uma banca de doutores, numa universidade federal. Por mais que eu considere que tive pouco tempo para realizar uma pesquisa tão complexa, acredito que consegui alcançar alguns objetivos, sendo eles particular da pesquisa e outros próprios, que se refere a buscar mais conhecimento sobre a minha cultura e meus ancestrais.

6. BIBLIOGRAFIA

ALCÂNTARA, F. G. **Narrativas orais e memória coletiva: uma proposta para pensar a formação de conceitos.** Igualitária, n. 3, 2014.

CANDAU, J. **Memória e identidade.** São Paulo: Contexto, 2014.

FRANÇOIS, E. **As novas relações entre memória e História após a queda do Muro de Berlim.**

Revista Memória em Rede, Pelotas, n.2, p. 17-29, ago./nov.2010

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa;** Porto alegre, Editora UFRGS, 2009

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade;** Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2006

PERALTA, E. **Abordagens teóricas ao estudo da memória social: resenhas críticas.**Antropologia, Escala e Memória. n.2, 2007

POLLAK, M. **Memória, Esquecimento, Silêncio;** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15

Sarlo, B. **Tempo passado: Cultura da memória e guinada subjetivo;** Editora Schwarcas, São Paulo, 2007

SCHINDEL, E. **Inscribir el pasado en el presente: memoria y espacio urbano. Política y cultural,** n.31, 2009.)

7. FIGURAS

7.1 – Lanceiros Negros e tropa do imperio, frente a frente para batalha



Fonte: Zé Darci 2020

7.2 FIGURA – Chegada de Garibaldi e Rossete ao povoado chamado Piratini



Fonte: Zé Darci

7.3 FIGURA – Acampamento farroupilha de porongos, na noite do massacre.



Fonte: Zé Darci 2020

7.4 FIGURA – Invasão ao acampamento farroupilha pelo tropa do imperio



Fonte: Zé Darci

7.5 FIGURA – O grande massacre de porongos



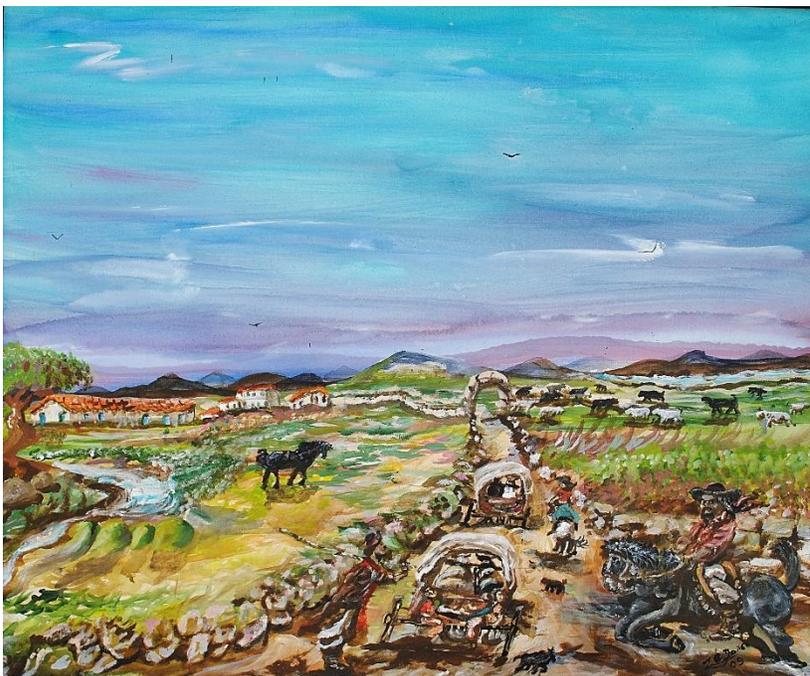
Fonte: Zé Darci

7.6 FIGURA – Joaquin Teixeira Nunes Lanceiros Negros cercados pelas tropas do império, cantando hinos afros para ultima batalha.



Fonte: Zé Darcy

7.7 FIGURA – Chegada de Garibaldi e seus companheiros, na chegada da instancia da barra de camaquã



Fonte: Zé Darci

7.8 FIGURA – Transporte dos lanchões por terra para Santa catarina



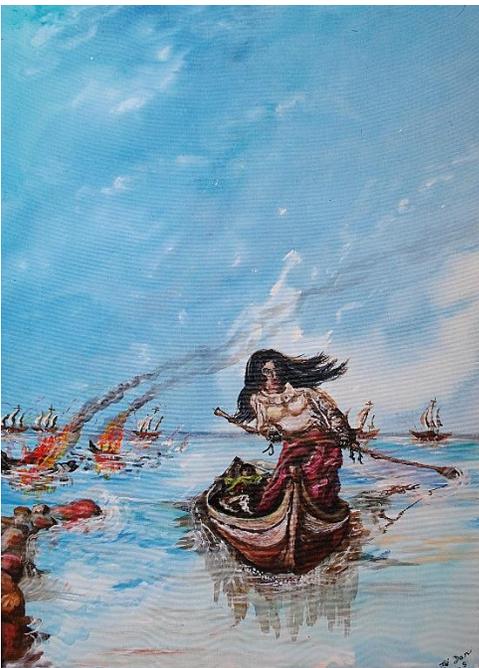
Fonte: Zé Darci

7.9 FIGURA – Despedida de Garibaldi, Anita e filho Menoti



Fonte: Zé Darci

7.10 FIGURA – Anita Garibaldi, batalha de Laguna



Fonte: Zé Darci (2020)

7.11 FIGURA – Tributo ao Lanceiros negros

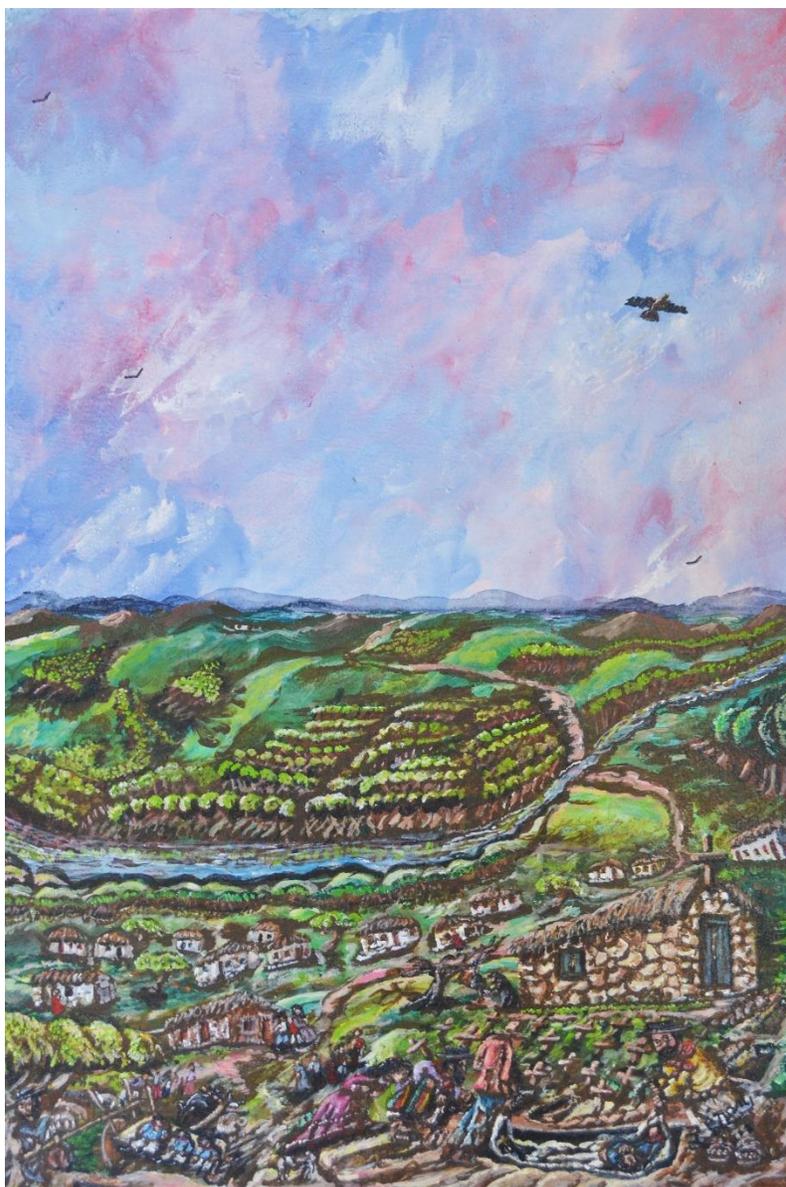


7.12 FIGURA – Morte de Joaquim Teixeira Nunes, Nas margens do rio arroio chasqueiro.



Fonte: Zé Darci

7.13 FIGURA – Enterro de Teixeira Nunes, Cemitério de arroio grande



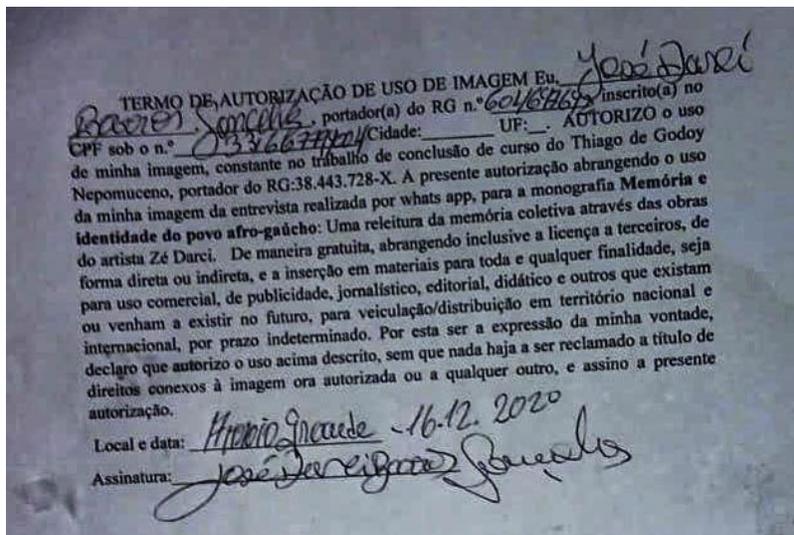
Fonte: Zé Darci

FIGURA 14 – Pai Silverio.



Fonte: Zé Darci

Figura 15 – Contrato de utilização de imagem



Fonte: Zé Darci

Figura 16 – Exposição do aniversário de Arroio Grande



Fonte: Zé Darci

Figura 17 – Exposição no acampamento Farroupilha



Fonte: Zé Darci

Figura 18 – Reconhecimento das obras de Zé Darci para a cidade de arroio grande.



8. APÊNDICE

ENTREVISTA

Entrevistado: José Darci Barros Gonçalves

Tempo: Indeterminado

Meio: Digital

Data: 05/11/2020

Apresentação e objetivo da entrevista.

Buscar acessar informações a partir de uma metodologia qualitativas, da maneira mais livre possível. A entrevista vem com a premissa de trazer dados para o trabalho de conclusão de curso:

Memória e identidade do povo afro-gaúcho: Uma releitura da memória coletiva através das obras do artista Zé Darci. Este questionário foi desenvolvido para o Zé Darci.

ROTEIRO BASICO DE ENTREVISTA

I. AMBITO PESSOAL.

1. Nome:
2. Idade:
3. Estado civil:
4. Naturalidade:

II. AMBITO DA PEQUISA.

1. Como você começou a fazer arte?
2. Como suas obras de arte te representam ?
3. Sua arte, reflete seus conhecimentos ?
4. O que representa suas obras de arte ?
5. Suas obras de arte falam sobre memoria ?
6. Quais são suas referencias para as obras da revolução farroupilha?
7. Me conta sobre suas obras da revolução farroupilha ?